

Violência no futebol: uma análise da práxis do torcer

Violence in football: an analysis of the praxis of to twist

Gabriel Sulino Martins*
sulinogabriel3@gmail.com

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise conceitual das torcidas organizadas em contraste com a violência. As torcidas organizadas se apresentam como um fenômeno mundial representando uma identidade coletiva. A pesquisa analisa a ação social das torcidas organizadas na sociedade brasileira. Para executar essa pesquisa bibliográfica, foi utilizado artigos e livros de cunho científico. A partir desse método se pode contextualizar a violência no campo das torcidas organizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Torcidas organizadas, violência, identidade coletiva.

ABSTRACT: This article presents a conceptual analysis of organized supporters in contrast to violence. Organized crowds present themselves as a worldwide phenomenon representing a collective identity. The research analyzes the social action of organized supporters in Brazilian society. To perform this bibliographical research, scientific articles and books were used. Using this method, violence can be contextualized in the field of organized supporters.

KEYWORDS: Organized cheerleading, violence, collective identity.

Introdução

A sociedade apresenta uma violência diariamente sofrida por diversos indivíduos e grupos nesse contexto, ou seja, para analisar esse processo precisamos entender as violências macrosociais que engloba, cultura, sociedade e história (MURAD, 2017). À vista disto, a violência se apresenta na sociedade, sendo o futebol o reflexo de problemas estruturais da sociedade, e também meio para reeducar crianças e jovens.

O objetivo deste artigo é identificar fatores próprios das torcidas organizadas, e através dessas condições analisamos a violência em diversas perceptivas epistemológicas. No primeiro momento procurei fazer uma exegese das relações sociais de identidade coletiva entre as torcidas organizadas. O segundo ponto se dirigirá a expor as causas de violência.

* Mestrando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) pela Universidade Federal de Goiás.

Metodologia

A proposta conceitual nesta ocasião é de caráter básico por apresentar uma investigação original, enfatizando o progresso científico de cunho não-comercial. A pesquisa é de espécie exploratória, pois é bastante flexível e se pode estudar uma gama de fenômenos sociais e conhecer melhor o problema na pesquisa em questão (GIL, 2005). Baseado em Gil (2005, p. 41) “Essas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas de torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”.

A pesquisa de caráter bibliográfico, se constitui na utilização de livros e artigos científicos na produção da pesquisa. As vantagens da pesquisa bibliográfica e que pode se investigar uma gama de fenômenos, e é indispensável para estudos históricos (GIL, 2005). Com a coleta de dados bibliográficos, podemos estabelecer relações entre diversos textos e analisar o problema da pesquisa.

A pesquisa qualitativa se configura por abrigar diferentes tipos de métodos e técnicas de pesquisas, que se ajusta em uma perspectiva não linear. Uma pesquisa linear e uma pesquisa que abrange uma extensão e uma não linear abrange a intensidade do fenômeno estudado; para realizar uma pesquisa com devida profundidade um pesquisador precisa trabalhar com um grupo pequeno. De acordo com Demo (2005, p. 105) “Fenômenos qualitativos caracterizam-se por marcas como profundidade, plenitude, realização, o que aponta para sua perspectiva mais verticalizada do que horizontalizada”. Tendo em vista que se trata de uma pesquisa qualitativa, por conseguinte, se aprofunda no mundo dos significados (MINAYO, 1992). Em uma pesquisa qualitativa se tem uma pesquisa mais aprofundadas nas subjetividades dos indivíduos frente à etnia em que vivem cotidianamente, se desenhando neste caso em um fenômeno social; pois se procura identificar signos que caracterizam uma forma de razão frente ao seu meio social e explicando assim a realidade social (DEMO, 2005). De acordo com Demo (2005):

São considerados metodologias qualitativas, por exemplo, pesquisas participantes, pesquisa-ação, história oral, observação de cariz etno-metodológico, hermenêutica, fenomenologia, levantamentos feitos com questionários abertos ou diretamente gravados, análise de grupo, que, como vemos, abrigam horizontes bastantes heterogêneos. (DEMO, 2005, p. 113).

A partir desses métodos e técnicas aqui apresentados, farei uma pesquisa biobibliográfica de cunho qualitativo, analisarei a questão conceitual das torcidas organizadas na sociedade capitalista através do Materialismo Histórico Dialético. Para Marx (1980) o Materialismo Histórico Dialético, pode ser entendido pelas contradições da base material

dialogando com a história, constitui nas renovações dialéticas das relações mercadológicas na sociedade capitalista.

O futebol como um fenômeno social

O futebol apresenta uma estética lúdica que gera certa paixão dos indivíduos que praticam futebol amador, profissional, torcedores, entre outros. Com dados de institutos como Ibope e Datafolha, notamos de o esporte preferido de 70 por cento dos brasileiros é o futebol. Porquanto, o futebol é uma verdadeira paixão coletiva e mexe com indivíduos de várias classes sociais, religiões, etnias, etc. Enfim, é um símbolo cultural que representa a sociedade e nosso modo de ser (MURAD, 2017).

Um desporto que apresenta leis universais, cujo identificamos diferentes estilos de jogo ao longo da história e em diferentes contextos. Essas singularidades fizeram com que o esporte se tornasse tão popular e dinâmico. Dessa forma o futebol se instituiu como identidade nacional, embasado em um processo civilizatório dentro do Brasil, que chegou a ser intitulado como: o país do futebol (TOLEDO, 2000). Tanto que é praticado em todo Bairro, Cidade, Estado, Município, Escolas, entre outros. Em todos esses espaços se pratica esse esporte ou se deleita com o espetáculo nos estádios ou em esferas privadas. Com esse viés a história do Brasil e o futebol caminham de mãos dadas, como um reflexo de nossa sociedade, de vários períodos históricos que ajudaram a formar o desporto como o mais popular no país. Assim como Murad (2017) cita:

No caso brasileiro, então, nem se fala. A história do nosso futebol pode ser considerada parte da história de nossas lutas sociais. Por aqui, o futebol é bem mais do que um esporte: é uma identidade, um símbolo cultural coletivo, por isso tem tanta importância e exerce tamanho impacto em nossa sociedade. (MURAD, 2017, p.34).

A história dos torcedores nesse universo simbólico é uma representação do que vivemos no Brasil. As torcidas envolvem identidades coletivas em que os indivíduos tendem a se comportar de um modo diferente do seu dia a dia quando adentram esse universo, mas, apesar disso, essa identidade coletiva se torna um reflexo das relações sociais vivenciadas na sociedade. Cada identidade coletiva representa determinadas características diferentes de outras, como o canto, bandeiras, formas de torcer, rivalidades, etc. Essas rivalidades são construídas historicamente de disputas dentro de campo e fora dele. Nesse caso, o futebol apresenta esse jogo simbólico de rivalidade, no qual indivíduos compõe ou escolhem um

determinado time tende a não mudar, e se mudar é nomeado como “vira casaca”. Quando se recebe esse rotulo o torcedor é bem menos prestigiado nesse jogo.

A partir disto, a identidade coletiva do torcedor se apresenta em uma cultura jovem. Segundo Magnani (2005) as culturas jovens são identificadas em contexto, por adereços, roupas, comportamento, valores, etc. Esses aspectos são caracterizados na formação de identidades nas culturas jovens, porquanto, se identifica um sujeito que tem uma outra identidade. Por exemplo, um motoboy, quando sai dessa representação e compõe a torcida organizada apresenta um determinado comportamento que se difere de uma outra representação coletiva. Porquanto, a cultura jovem dos torcedores de futebol também se apresenta nas torcidas organizadas.

A práxis do torcer e as suas configurações

O sentimento no futebol parte de uma identificação entre o tradicional (sentimento) e o moderno (racional). O indivíduo se insere em um determinado grupo social dentre desse meio, associado a valores (religiosos, políticos, econômicos, estéticos etc.). Quando se afeiçoa a um time de futebol e uma torcida, sendo influenciado também pela questão do prazer da beleza, porquanto, o indivíduo adentra em um universo simbólico que dá um prazer que apenas um torcedor de futebol pode sentir, e assim pode julgar o que é feio e o que é bonito dentro de um pensamento coletivo (DANO, 2001).

O amor ao clube se apresenta em esportes coletivos como um fator de suma importância que conduz a uma identidade coletiva. Torcer para um clube é entrar em um universo que apenas os torcedores podem entrar, um universo simbólico de relações intrínsecas entre torcedor e o clube, ou seja, os indivíduos quando torcem para um time, abrem um universo em que se faz parte de uma totalidade e inserem em um código próprio desse universo do clubismo. Citando caso análogo, o código, a famosa regra do “vira casaca”, uma regra cujo o torcedor quando declara torcedor de um clube é seu time de coração, o mesmo não pode mudar de clube, pois se configura em uma falta gravíssima que pode gerar suspeitas por parte dos coletivos em torno da “hombridade” desse sujeito (DANO,2001). Portanto torcer se configura em uma ato político como Dano (2001) cita:

Torcer é uma forma de participação política bastante peculiar. Abordar o “pertencimento” e as atitudes decorrentes deste vínculo desde o ponto de vista estético implica reconhecer nas manifestações dos torcedores – das falas, gestos, vestuário, etc. – certas mensagens cuja decifração, em termos de forma e conteúdo, permite-nos acessar alguns conflitos subjacentes à dinâmica

social. Ou seria mero casuísmo o fato de os clubes de futebol no Brasil estarem, via de regra, identificados em pares de contrários do tipo elite/popular, branco/negro, centro/periferia, grande/pequeno, entre outros?(DANO, 2001, p.88).

Já quando empregado o conceito de “torcer” em relação as torcidas organizadas, os indivíduos deixam suas idiossincrasias de lado para compor o coletivo e assumirem uma identidade coletiva. Nessa perspectiva os indivíduos deixam seus papéis sociais do seu dia a dia e adquirem novos papéis na torcida organizada no dia de jogo. Nesse sentido há uma coesão do grupo para a harmonização que leva os indivíduos a se contagiarem com os comportamentos coletivos (NASCIMENTO, 2007). Como no ritual efetuado pelas torcidas organizadas em relação às torcidas rivais se torna uma guerra metafórica envolvendo mini-batalhas ao longo dessa prática (DANO,2001). Esse procedimento acontece quando a torcida procura-se impor como: cantando mais alto que a outra torcida, vibrando quando um jogador faz uma jogada que humilhe o jogador do outro time, cantando cânticos que ferem a virilidade da outra torcida, etc. Essas características se fundam em um sentimento de coletivo que se desenrola entre o antes da ida ao estádio, o durante e o depois do jogo de futebol.

Notamos nesse contexto um quadro social que se configura a relação na interação entre os indivíduos, formando uma memória e posteriormente uma identidade coletiva. Essas identidades coletivas se fundam em espaços temporais que se configuram em acesso dos indivíduos a memórias passadas na interação com outros, como um meio de voltar a valores passados e incorporar novos, pois a memória é fluída e continua. Vemos que a relação memória e sociedade é intrínseca, e há contínuas mudanças na perceptiva cosmológica de um determinado grupo social (SANTOS, 1998).

Nesse caso, as torcidas organizadas se encontram inerentes a questão da memória na configuração de uma representação coletiva. A representação coletiva infere a relação de memória e tempo na sociedade como uma forma de retratar tudo que se formou na constituição simbólica de uma cultura jovem. Essa relação entre torcidas organizadas e espaço-tempo, se encontra na interação de indivíduos em toda a sociedade. Esses espaços são ocupados pelas torcidas, como uma identidade de bairro se compondo nesses locais.

Uma outra face das torcidas organizadas

A violência está presente em vários espaços sociais de nossa sociedade, retrata diferentes formas de agir perante a sociedade. Nesse quesito, no futebol especificamente, a violência acontece por diversos fatores que derivam de problemas sociais que estão fora do

universo futebolístico. Os torcedores no ato de “ir e vir” ao estádio como um lazer, para tentar fugir dessas violências próprias de seu cotidiano, mesmo que exibem de certa forma resquícios dessa violência e levam para o âmbito do esporte, levando a disputas de grupos nesse meio. De acordo Murad (2013) a violência é:

Violência vem do latim violentia (vis = à força) e significa oprimir por meio da força – força social, das armas, força física, força simbólica. “Por violência entende-se a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou até contra si mesmo). [...] a violência consiste, tem por finalidade, destruir, ofender e coagir. [...] A violência pode ser direta ou indireta” (Bobbio, 1995, p. 1.291). (MURAD, 2013, p. 151).

A violência apresenta-se no esporte de múltiplas maneiras, por inúmeros motivos. Citando o caso análogo, os torcedores nesse quesito, ao ir ao estádio, apreciam um espetáculo com dribles, gols, toques de efeitos e malabarismo diversos. O futebol a medida que foi se desenvolvendo de maneira que regras foram incorporadas, obteve também um aumento da violência - dentro e fora de campo- por conta da competitividade (DANO, 2001).

A violência apresenta-se fora do desporto e condiciona esse mesmo fator dentro do esporte. Por exemplo, embasando em dados científicos atentamos que apenas uma pequena parte entre 5% a 8% da torcida organizada tem objetivo de enfrentamento com torcida rivais. Esses infiltrados têm entre 15 e 24 anos em média. Nas torcidas organizadas se preza uma cultura da masculinidade, do machismo e o poder do corpo sarado, além de serem destemidos, agressivos e violentos. Cujas as regras básicas são desrespeitar as diferenças e resolver todo conflito embasados na força física (MURAD, 2017).

Nas torcidas organizadas esses infiltrados estabelecem vínculos com gangues urbanas, como o tráfico de drogas, crime organizado, mercado negro de armas, etc. Esses grupos de infiltrados em sua grande medida procuram uma ocupação territorial de bairros e municípios, sendo assim nocivos a segurança pública (MURAD, 2017). Segundo Murad (2017):

Vândalos: 5% a 7% dos torcedores organizados.
 Total de torcedores organizados: entre 2 milhões e 2,5 milhões.
 Torcidas reincidentes em crimes: 15% das organizadas.
 Torcidas oficiais cadastradas: as maiores e mais atuantes são 435, num total de 700.
 Torcidas Associadas oficialmente à Anatorg: 107.(MURAD, 2017, p. 47-48).

Notamos que uma minoria, porém perigosa, pois são armados, treinados, agressivos e focados no embate, entre outros. Mas são visto em uma perspectiva como irracionais, pois quando em um grande grupo, são enlouquecidos pela violência assumindo certos comportamento animais. Nada obstante, partindo de outra vertente, são racionais também,

porque apresentam um planejamento para executar planos de ataques a torcidas organizadas rivais. A título de exemplo, a utilização de carros para atropelar grupos rivais de torcedores e também o uso inteligente de redes sociais para armar emboscadas e se infiltrar na torcida rival. (MURAD, 2017).

Devemos frisar que esse comportamento se estende a uma minoria e não a participante de torcidas organizadas no geral. Portanto devemos rejeitar essa ideologia generalizante em torno dessa cultura jovem tendo a torcida organizada como sinônimo de violência, levando assim a uma criminalização.

Partindo de uma perceptiva holística em relação a esse fato social. Observamos que a ideologia propagada pela mídia do confronto de torcidas organizadas acontece somente no entorno dos estádios e em terminais. Os confrontos normalmente fora desses locais em horários em dias e horários diferentes são menosprezados (MURAD, 2017). Esses confrontos dão por inúmeros fatores ligados a memória e a sociedade, gerando assim um embate por meio da violência entre as torcidas e outros grupos sociais que compõe a sociedade ocidental.

Observamos então a constituição da violência não é própria do futebol em si. A violência no esporte é causada por problemas estruturais na própria sociedade, gerando conflitos no estádio de futebol. Esses problemas estruturais como tráfico de drogas, pedofilia, homofobia, alcoolismo, racismo, entre outras praticas; são produtos da sociedade e influenciam na constituição da violência dentro e fora do estádio.

Palavras finais

O futebol é o mais popular esporte do mundo. O futebol aqui no Brasil para alguns coletivos é religião, havendo então características políticas, religiosa e econômica em torno desse desporto. Apresenta características que refletem a nossa sociedade em diversos âmbitos na estrutura social. A estrutura precária de nossa sociedade fez com que indivíduos tivessem determinadas atitudes em meios sociais, refletindo os valores aprendidos na sociedade burguesa capitalista. Uma das formas de refletir aspectos dessa sociedade no desporto é através da violência. O futebol nada mais é que a expressão social da violência existente na sociedade; os indivíduos então reproduzem essa prática quando estão em um contexto social. Vemos então que a violência em um âmbito que vai além do futebol, pois abrange a sociedade como um todo.

Por fim, podemos pensar as torcidas organizadas de visões diferentes daquelas passadas pela mídia, e é algo que precisa ser discutido em diferentes aspectos. Alguns desses

aspectos foram apresentados nesse texto, mas outros não. Podemos perceber então que a violência não é apenas praticada pelos torcedores de torcidas organizadas, mas também são praticadas por policiais que agridem de forma excessiva esses indivíduos. A violência é um dos valores próprios da sociedade burguesa que inserem através de uma ideologia, uma forma de competitividade entre as classes sociais, definindo um culpado pela violência seja apenas de um grupo, mas a violência é algo estrutural que acontece por diversos fatores apresentados no texto.

Referências Bibliográficas

ADORNO, TEODOR. & HORKHEIMER, MAX. A indústria Cultural. In: *Dialética do Esclarecimento*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.

ALVITO, Marcos. Maçaranduba neles! Torcidas organizadas e policiamento no Brasil. *Tempo, Niterói*, v. 19, n. 34, p. 81-94, June 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042013000100008&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 17/01/2018.

DANO, A S. Futebol e Estética. São Paulo, *Perpec*. Vol. 15 no. 3 São Paulo July/Sept. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300011>. Acesso em: 25/11/2016.

DEMO, Pedro. Pesquisa Qualitativa. In: *Metodologia da investigação em educação*. Curitiba: Ibpex, 2005. Pp. 103- 126.

GIL, Antonio Carlos. In: *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. Ed. – São Paulo: Atlas, 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O circuito dos jovens urbanos. In: *Tempo social*. Vol.17 no.2. São Paulo, Nov.2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200008. Acesso em: 27 de março de 2017.

MARX, Karl. Posfácio da 2 edição. In: *Crítica da economia política*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 8-17.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo (SP): Hucitec-Abrasco, 1992.

MURAD, Maurício. *A violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas*. 2 ed, São Paulo: Benvirá, 2017.

MURAD, Maurício. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. *Revista USP*, Brasil, n.99, p. 139-152. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76312>>. Acessado em: 17/01/2018.

NASCIMENTO, Marcus Jary. Futebol, sociabilidade e psicologia das massas: ritos e símbolos e violência nas ruas de Goiânia. *Pensar a prática*, v.10, n.1, p.99-116. Disponível em: <<https://www.revista.ufg.br/fev/article/view/208/1233>>. Acessado em: 17/01/2018.

NETO, Edi Alves de Oliveira. *Violência no futebol e torcidas organizadas: um estudo em representações sociais*. Brasília, 2013

PIMENTA, CARLOS ALBERTO MÁXIMO. Violência entre torcidas organizadas de futebol. *São Paulo Perspec.*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 122-128, Jun, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200015&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 17/01/2018.

TOLEDO, Luiz Henrique de. A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000. p.124-155.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2000.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 38, p. Out. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300010&lang=pt. Acessado em: 25 de Julho de 2018.

VAZ, A. *Teoria crítica do Esporte: origens, polêmicas e atualidade, Esporte e Sociedade*. UFF, 2005